

A Estrutura Narrativa em *Eram seis assinalados* de Lindanor Celina

Prof. Ms. Rosa Helena Sousa de Oliveira (UFPA)

Resumo

Eram seis assinalados é uma narrativa da escritora paraense Lindanor Celina. A presente comunicação objetiva apresentar uma leitura do ponto de vista narratológico do terceiro romance que compõe a trilogia construída por essa autora. Menina que vem de Itaiara e Estradas do tempo foi são os romances iniciais que apresentam a personagem Irene na infância e na adolescência, respectivamente. Em *Eram seis assinalados* a referida personagem estréia no mundo dos adultos com os desejos, emoções e decepções que a vida lhe oferece. Para estabelecer diálogos com a leitura dessa obra nos aproximamos de teóricos e críticos como Roland Barthes, Benedito Nunes, Paul Ricouer, Gaston Bachelard, Walter Benjamin, Antonio Candido e outros autores que possibilitam o diálogo com as questões estruturais da narrativa.

Palavras-chave: Narratologia¹, *Eram*², seis³, assinalados⁴.

Introdução

Eram seis assinalados é uma obra de autoria da escritora paraense Lindanor Celina. É um texto escrito em 235 páginas de forma ininterrupta, ou seja, a escritora não utilizou a tradicional divisão da obra em capítulos. O leitor fica incumbido de exercitar a leitura de um só fôlego, como se ela tivesse pressa para contar essa história.

O título da obra *Eram seis assinalados* requer alguns comentários. Ele é formado por três vocábulos: um verbo empregado no pretérito imperfeito, o numeral seis que representa a quantidade de membros da família Schneider e o substantivo assinalados. A palavra assinalados é quem apresenta maior carga semântica. Imprime um tom apocalíptico à narrativa. Suscita uma imediata e inegável correspondência com o último livro da Bíblia, o Apocalipse de São João.

(...) a Bíblia é a intriga grandiosa da história do mundo, e cada intriga literária é uma espécie de miniatura da grande intriga que une o Apocalipse ao Gênese. (RICOUER, Paul. 1995, p.38)

A obra em tese apresenta-se como o romance das reminiscências. A matéria narrada está constituída de ações que transitam na mente da personagem principal. É, principalmente, Irene quem narra ao leitor um fato que ocorreu em sua vida e quais as dimensões proporcionadas por ele. Portanto, o enredo, ou intriga, na obra *Eram seis assinalados* está centrado na figura de Irene. É a partir dela que outras histórias se entrelaçarão. É a história de uma moça do interior, filha de um casal modesto, que é estimulada por seus pais a estudar em um colégio, em Belém, em regime de internato, como, aliás, era comum naquela época, as moças de famílias abastadas virem completar sua educação em bons colégios da capital. Irene destaca-se entre as internas, alcançando as melhores notas e isso é motivo de admiração, já que ela vem de uma família pobre, do interior do estado. Essa jovem ao retornar para sua cidade é contratada para assumir um lugar na prefeitura da cidade, apesar de o prefeito não ter uma relação muito amistosa com o seu pai, mas ele não poderia negar emprego a um habitante da cidade que se destacou nos estudos.

Irene assume a função de professora e desenvolve suas atividades com prazer. Além do exercício profissional ela auxilia nos trabalhos da paróquia. Sua ligação com a Igreja é muito forte. Os religiosos têm admiração pelo seu trabalho, pela sua dedicação, até que Irene se

envolve com Padre Enzo. O romance descoberto faz com que ela perca todo o prestígio conquistado, restando-lhe apenas o desprezo de seus antigos admiradores. Na verdade Eram seis assinalados relata o drama de uma queda. (LUCAS, Fábio. Prefácio. In: CELINA, Lindanor. 1994.) Queda da personagem principal. A queda a que o crítico literário Fábio Lucas faz referência não é uma queda física, mas uma queda moral. A personagem não encontra mais o seu lugar no mundo. O espaço construído fora-lhe subtraído bruscamente.

O desfecho do romance foge aos padrões dos romances românticos. Irene, apesar da proposição da mãe, não aceita a condição de desposar, sem amor, padre Enzo para poder ser readmitida nos círculos sociais da cidade. Não será, na concepção da personagem, o matrimônio que a integrará à sociedade. Abdicando da linearidade narrativa, o enredo dessa obra, é construído pelos fios flexíveis, maleáveis e inconstantes da memória, pela introspecção da personagem que, ao se isolar do mundo que a renega, compartilha solidariamente a sua dor com os desventurados da sua Itaiara. Assim se constitui o enredo de Eram seis assinalados. Uma história que transita entre a vida e o sonho de Irenes, Adélias e Maria Alziras para dar vida ao universo fictício de Itaiara.

Observar o ponto de vista da obra Eram seis assinalados não é, a priori, uma tarefa fácil. Madura, perfeitamente, senhora do seu ofício, Lindanor Celina demonstra uma evolução na construção desse texto, já não é mais a aprendiz de quem Dalcídio Jurandir leu as primeiras tentativas, mas uma escritora que domina e exterioriza uma técnica narrativa *sui generis*. O leitor conhecerá a história de Irene através de suas lembranças. Já nas primeiras páginas a autora confunde o leitor “A menina dançava ao pé do açaizeiro (...)” (CELINA, Lindanor. 1994. p. 13). Nesse primeiro parágrafo suspeitei que teria uma narrativa em terceira pessoa, mas em seguida essa ilusão é desfeita quando me deparei com a própria personagem falando do que havia acontecido com ela.

Utilizando-se de solilóquios a escritora joga com o leitor para que ele retorne várias vezes ao ponto de partida a fim de identificar a voz que narra. Esse narrar no presente uma ação do passado permitirá a personagem contar sua própria história mesclando passado e presente separados apenas por uma linha muito tênue. Essa linha do pensamento pode ser considerada a separação entre os dois tempos.

O foco narrativo da obra Eram seis assinalados instiga o leitor a buscar explicações acerca dessa categoria. Ele se constitui em um emaranhado de fios em que diversas e, principalmente, diferenciadas vozes se entrelaçam. Nesse entrelaçar de vozes podemos nos ancorar nos pressupostos teóricos propostos por Mikhail Bakhtin. Segundo ele, o romance, quando tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilingue e plurivocal (BAKHTIN, Mikhail. 2002. p. 73.) Esse aspecto plural, indubitavelmente, imprime à narrativa de Lindanor Celina vestígios de modernidade, já que o texto dialoga com essas tendências de forma concreta. As vozes que se levantam em Itaiara são vozes de quem sabe o que deseja pôr em evidência. O caráter plural no tocante à linguagem que Bakhtin discute presentifica-se em Eram seis assinalados, principalmente, se levarmos em consideração as falas de Irene, de D. Adélia, de Maria Alzira e a fala do bispo. O registro de outras vozes emitidas, por outros personagens, pode ser considerado secundário para a elaboração do enredo. São vozes que exprimem circunstâncias complementares para a constituição do texto.

O narrador é um ser ficcional que acendeu à boca do palco para proferir a emissão, para se tornar o agente imediato da voz primeira. Metamorfoseado nele, o autor tem indumentária necessária para proceder à instauração do universo que tem em vista. (DAL FARRA, Maria Lúcia. 1978. p. 19.)

Esse ser ficcional criado por Lindanor Celina fala sobre as agressões morais sofridas por Maria Alzira. O discurso do narrador traduz certo tom de provocação a ela, como se ele desejasse a insubordinação da personagem, que ela saísse daquele silêncio, daquela submissão e emitisse um grito de liberdade:

Porém, ali era a cidade de todos os vexames para aqueles cinco, seis com a redimida, a redenta da escravidão, um pouco filha, um pouco irmã, um pouco xerimbabo, cria da casa; sangue deles não era, mas da vergonha provou – não foi? Fala, Maria Alzira, dessa vergonha não provaste? (CELINA, Lindanor. 1994, p.23)

Mas o narrador, nesse momento, anuncia que Maria Alzira não tinha voz. Ela seguia em silêncio com o peito inundado de lágrimas. E os insultos prosseguiram: *Eh, Alzira velha, vais lavar os panos do aborto da putinha do padre, hem, só para isso é que tu presta, xerimbabo!*. (CELINA, Lindanor. 1994, p.24)

Segundo o mestre Antonio Candido, A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos de sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. (CANDIDO, Antonio. 2000, p. 59) Irene está entre as grandes personagens de que fala Antonio Candido. A sua amplitude reside na carga dramática em que ela está envolvida, pois Irene está no palco para ser condenada ou absolvida. Os leitores serão seus advogados de defesa e ou de acusação. A criadora de Irene ao promover seu nascimento resolveu dar-lhe vida longa, já que seu ciclo ultrapassa as páginas de um livro. Sua infância cercada de alegrias transcorre nas páginas de Menina que vem de Itaiara, sua adolescência em Estradas do tempo foi e, finalmente, em Eram seis assinalados o leitor conhecerá Irene vivenciando os problemas inerentes às pessoas adultas. Tentarei, nesta apresentação da personagem, extrair algumas características, já que a autora não a dotou de muitos caracteres físicos. Irene personifica uma moça de cabelos claros, ingênua, religiosa, prestativa, preocupada com o próximo. Além disso, é muito estudiosa, e sempre alcançava os primeiros lugares nas atividades do colégio.

Irene é culta, tem sensibilidade para a música, para o teatro. Seu envolvimento com a arte extrapola os domínios da literatura. É uma devoradora de livros. O leitor encontrará a personagem em diversas situações que demonstram seu envolvimento com a literatura universal. Isso, inclusive, a aproxima dos religiosos: *O que estarás lendo? O Leopardi que mandei buscar para ti, chegou a poucos dias*. (CELINA, Lindanor. 1994, p.112)

A personagem é bastante jovem, a idade dela é evidenciada em uma conversa entre D. Adélia e Madre Bórgia: (...) *Vim para conciliar. Minha prima, aos 20 anos, nenhuma vida é perdida. – Nem vinte completou ainda*. (CELINA, Lindanor. 1994, p.112)

Optei por D. Adélia como a segunda personagem a ser comentada pelo grau de importância que ela assume na narrativa. D. Adélia é a mãe de Irene, esposa de Seu Geraldo Schneider. A moça do interior que contraiu núpcias com um professor. Ela abandonou a Igreja católica para seguir os ensinamentos do mestre da doutrina espírita, Alan Kardec. Esse fato a torna uma pessoa muito crítica no que diz respeito à questão religiosa. O clero é alvo das críticas de D. Adélia, principalmente, depois do que ocorreu com Irene e a Igreja se omitiu de manifestar-se para ajudá-la. D. Adélia era uma pessoa que estava sempre disponível para ajudar as pessoas que manifestavam problemas espirituais, mas apresentava problemas de relacionamento com Irene, as outras duas filhas eram tratadas de modo diferente, com

muito mais carinho e amor, a Irene sempre restavam formas de tratamento mais hostis, contudo era uma mãe cuidadosa que se preocupava com a educação das filhas.

O pai de Irene, Senhor Geraldo Schneider, é um homem bom, amoroso com as filhas, tratando-as sempre com muito carinho. Conheceu D. Adélia ao chegar a Palmeiral para exercer o cargo de professor primário. Ele transita na narrativa de forma muito poética. É sob a visão de D. Adélia que vamos conhecê-lo. É a imagem do homem construída do ponto de vista da mulher apaixonada:

Se tudo ainda fosse o que ficou pra trás desde a tarde em que o vi, no começo da rua aquele moço rapaz de andar mais que vistoso, vaidoso era? Veio vindo que nem um astro, não que fosse alto, nem espadaúdo, nem louro, mas os dentes dele relampeavam, como se a boca cheia de cravos brancos, e o andar, a modo que dançava, se o Sol dançasse. Seria um dançador, o mestre-escola? (CELINA, Lindanor. 1994, p.27)

Geraldo era considerado um ser supremo na concepção de d. Adélia. A janela da paixão o colocava numa condição de superioridade:

Pelas quatro da tarde daquele dia, ele era um Sol bailando sozinho no meio da rua, e todo de branco e com os cabelos muito lisos e pretos e a cara rosada, não encarnada, rósea, distinta da de todos os que por ali se viam, os empalamados da estrada de Ferro, (...) (CELINA, Lindanor. 1994, p.28)

O astro de D. Adélia fora atingido pela seta do sofrimento. A situação o faz cair de seu pedestal. Geraldo iguala-se, agora, a todos os mortais. Ele é mais um pai que fora atingido pelo sofrimento provocado por um filho quando, este se desvirtua dos caminhos traçados pela família. O homem forte, corajoso perde-se nos meandros do sofrimento e não sabe que atitude tomar para ajudar sua filha. Irene era a filha por quem ele demonstrava ter mais afeto, talvez para compensar a maneira como D. Adélia a tratava. O homem valente, de descendência alemã, que fugira da casa de seus pais, na juventude, encontrava-se cabisbaixo, sem ânimo de sair de sua própria casa e encarar o mundo lá fora, de cabeça erguida, ao lado de sua filha.

Maria Alzira, a filha adotiva de seu Geraldo e D. Adélia. Apesar de ser um membro postiço da família, assume um lugar privilegiado na narrativa. A história desta personagem aparece como um apêndice, como se fosse o núcleo de uma novela. Essa célula tem importância, já que funciona como uma denúncia a situações de maus tratos a que crianças são submetidas. Nesse sentido, o texto de Lindanor Celina cumpre um papel importante, uma vez que é uma realidade crianças serem maltratadas nas mãos de adultos.

Maria Alzira do Nascimento Moisés morava com a madrasta e sofria, já que era obrigada a levantar muito cedo para vender os alimentos produzidos por sua madrasta. Seu Geraldo tomou conhecimento de sua história por ocasião das viagens que fazia: (...) o que

assisti, ao longo dos meus anos de Estrada de Ferro, foi aquele diabim deste tamanhim, o tabuleiro bem maior que ela, aquilo fartei-me de ver. (CELINA, Lindanor. 1994, p.22)

Maria Alzira passou a ser respeitada em sua nova família, mas percebe-se que, mesmo sendo bem tratada, ela tinha seus deveres e obrigações na casa de seu padrinho:

[...] e aquela pena de seu padrim, que ela não sabia como expressar, ah, não sabia, mas caprichava num café, no preparo de um peixe, um bom caldo de sustância para quando ele chegasse da viagem de trem ou todo esbaforido da cabeça da ponte, já sei, vou é descascar aqueles cocos e queimar o lixo do outro quintal todinho, ele fica satisfeito, meu padrim acha uma boa coisa feita em casa, eu ainda tiver um tempo, faço pro jantar um docinho de caju, [...] (CELINA, Lindanor. 1994, p.24)

Apesar de levar uma vida diferente, Maria Alzira não ficou isenta, de vez, do sofrimento. A casa de sua nova família fora atingida por maus presságios e ela recebia todas as críticas. As pessoas não tinham coragem de ofender seu Geraldo e D. Adélia com palavras, portanto Maria Alzira tornou-se o alvo preferido das maledicências: [...] “Eh, Alzira velha, vais lavar os panos do aborto da putinha do padre, hem, só pra isso é que tu presta, xerimbabo”, [...] (CELINA, Lindanor. 1994, p.24)

Maria Alzira sofria, também, com seus familiares. Era uma das assinaladas, também fora tocada pelo anjo negro e é comparada a um personagem de tragédia grega:

[...] o senhor sabe, uma tragédia grega. Tem um que observa, participa e tudo narra. Quando os personagens se alegram, ele toca a cítara; quando choram, é o que pranteia mais alto, de maneira esotérica, espetacular. Assim a Alzira. Integrada ao cotidiano, ninguém dá por ela. Mas deixe acontecer uma coisa boa! Ou em cima de nós cair uma pedra, para ver quem é: o coro, o corifeu, a carpideira. Agora carpideira, que o tempo das felicidades acabou. (CELINA, Lindanor. 1994, p.170)

Ao contrário de D. Adélia, parece não ter nascido para as alegrias, pois uma nuvem escura, sombria, continua a pairar sobre sua vida. O seu sofrimento agora é em solidariedade à família que a adotou.

Outra personagem que ocupa um lugar especial na narrativa é D. Amândio, Bispo de Itaiara. O Bispo é muito questionado por D. Adélia, através dele a mãe de Irene tece diversas críticas à Igreja católica.

Estabelecer uma imagem de D. Amândio é rebuscar no seu discurso as marcas de sua personalidade. Ele tinha um carinho especial por Irene, mas não consegue ajudá-la a encontrar uma saída honrosa para aquela situação. D. Amândio, apesar das críticas da maçonaria e dos espíritas, através de D. Adélia, é uma autoridade religiosa respeitada na cidade. Com a descoberta do romance entre Padre Enzo e Irene, a Instituição que ele representa fora atacada violentamente, portanto, tornou-se muito cauteloso no que diz respeito a tomar qualquer atitude para aliviar o sofrimento da jovem Irene. Mas não estava em paz, vivia um grande conflito interior sentia que tinha obrigação moral para com a família de Irene, já que o grande causador daquele sofrimento fora um discípulo de sua Igreja. Em suas reflexões, ele oscilava

entre o desejo de ir ou não visitar a família de Irene. O Bispo temia os comentários que pudessem surgir quando entrasse naquela morada, regida sob o signo da maldição.

Padre Enzo é outra personagem que compõe o núcleo que representa a Igreja. Sua importância na diegese se constitui por ter sido o agente causador de semelhante desgraça à Irene. Apesar de ocupar esse lugar, a personagem não se sustenta por um discurso próprio. Sua voz soa através de Irene, quando ela relata o envolvimento entre eles. É estrangeiro, italiano, culto e teve a infelicidade de se apaixonar por uma professora de catecismo, ou seja, por uma moça que tinha uma relação muito próxima com a sacristia. Padre Enzo sucumbe aos encantos de Irene e toma a decisão de abandonar a vida sacerdotal para viver como os demais homens, constituir uma família, trabalhar para mantê-la, enfim, levar uma vida como a maioria dos homens. Nesse sentido, pode-se afirmar que ele é uma personagem corajosa, principalmente se o compararmos com o bispo. Padre Enzo está decidido a assumir a sua condição de homem, sem vocação para o celibato e planeja fugir com Irene, porém, ao ser descoberto, tem seus planos destruídos. O narrador não o localiza mais após a sua saída de Itaiara, apenas o drama de Irene fica em evidência.

Eram seis assinalados é uma narrativa que congrega muitos personagens, porém há uma galeria deles que se enquadram nas ações coletivas. Ilustrativa, a função desses personagens é contraporem-se as ações de Irene. Dentre essas personagens destacam-se os tipos designados pelas profissões: a lavadeira, o barbeiro, a tacacazeira, a zeladora da igreja, enfim, as comadres e mulheres de um modo geral, que, sem ter muitos afazeres, dedicam-se a cuidar da vida dos outros. Essas personagens gerais é que movimentam a narrativa. O disse-me-disse das comadres são linhas narrativas importantes porque impulsionam o enredo de Eram seis assinalados. Irene só perdeu o emprego e sua posição na paróquia por conta dos falatórios, portanto, eles são à base de sustentação do enredo de Eram seis assinalados.

Segundo (BACHELARD, 1986) a vida começa bem. Começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa.

O espaço é uma das categorias narrativas que está em consonância com as personagens, com a trama, com o tempo, enfim, ele deve ser articulado com os outros elementos narratológicos para conceber verossimilhança à obra. Para a escritora Lindanor Celina, Itaiara é o espaço mágico em que Irene habitou na sua infância; no qual passou férias quando retornava do Colégio Santo Amaro; local que a recebeu depois de ter alcançado os prêmios; espaço que presenciou a sua passagem de menina à mulher e, também, ao final, assistiu à sua queda. Esta cidade foi, pois, palco das alegrias e tristezas da personagem.

Para Irene, a residência da família era o lugar onde recebia suas amigas, e sentia-se protegida, pois *a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e o sonho do homem*. (BACHELARD, Gaston. 1986, p. 26)

E a sua casa foi esse ninho de proteção, mas o ser cresce, sai da casca e busca alimento e proteção em outras paragens, porém, o mundo, fora do útero materno, da casca que protege, apresenta as suas artimanhas e, às vezes, faz-se necessário quebrar a harmonia para proporcionar o crescimento de cada ser:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre nos nossos devaneios ela é um grande berço. (BACHELARD, Gaston. Op. cit., p.26)

Irene, ao se sentir rejeitada, tornou-se o ser sem casa, disperso, de que fala Bachelard. O seu antigo lar é, agora, um lugar de cobranças, que se evidenciam nas palavras e nos olhares, sim, porque os olhos também falam. Sua mãe era a pessoa que mais cobrava. Era como se Irene tivesse a obrigação de pagar todos os investimentos que foram feitos com a educação dela. Por isso a personagem, em fuga, saía em busca de outros espaços. O lar de outrora não tinha mais o mesmo significado para ela. O berço que ela buscava encontrava-se nas barracas humildes de Itaiara. Era entre os mais necessitados que Irene encontrava abrigo para seu “devaneio”. E um desânimo tomava conta de seu ser: *Agora é esta cidade, é esta casa*. (CELINA, Lindanor. 1994, p.21)

Essa categoria narrativa em Eram seis assinalados assume contornos diversos. Fica perceptível ao leitor que não há intenção do narrador, ou da autora, em descrever os espaços, mesmo a cidade não é descrita de modo exaustivo, portanto o espaço psicológico ocupa lugar de destaque: *por meio de um procedimento técnico-narrativo como o monólogo interior consegue-se igualmente uma ilustração sugestiva do espaço psicológico, limitado então ao cenário de uma mente quase sempre perturbada*. (REIS, Carlos & LOPES, A. Cristina M. 7ª ed. 2007. p.136).

Nas obras ou nos textos literários dramáticos ou narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações. (NUNES, Benedito, 1988.)

Discorrer sobre o tempo no universo da ficção, não é uma tarefa fácil. É um trabalho que envolve uma faina cuidadosa para vasculhar no meio das palavras à essência temporal.

O tempo cronológico em si, não requer muita atenção, por ficar exposto de forma mais visível na narrativa. As marcas cronológicas estão por toda a parte. O tic-tac do relógio soa a todo instante. As expressões lingüísticas são visíveis. Quando, no entanto, uma obra apresenta sua essência temporal **ao sabor de sentimentos e lembranças**, (NUNES, Benedito. 1988. p. 18) o leitor estará diante de um tempo mais impalpável, ao sabor do psicológico. Sentir o transcorrer desse tempo é tarefa mais complexa, por que

O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. (NUNES, Benedito. 1988 p. 18).

O primeiro e o segundo parágrafo do texto, já remetem o leitor para um jogo com o tempo. Esse leitor, aceitando o pacto ficcional proposto, terá que empreender e compreender as idas e voltas que o texto dá, para adentrar a história de Irene. Quando o narrador afirma:

A menina dançava ao pé do açaizeiro, o pai colocava a peconha, o pai só de calção de mescla, [...] O choro desadorado, esse choro dona Adélia não vai escutar toda a vida? [...] Essas coisas lhe contavam. Toda a infância era sol e palmeiras e as goiabas no quintal. E as dores também, as surras de cipó, os purgantes, isso depois, já taluda e mais danada. Mas as dores mal se lembra. Porém,/ agora! Agora é esta cidade, é esta casa. E as comadres pelas portas e janelas e na banca da tacacazeira [...] na casa dos padres, naquele quarto para onde ele a mandou. (CELINA, Lindanor. 1994, p.13-14)

Nesse trecho inicial do romance, o leitor se depara com um tempo passado que narra cenas da infância de Irene e um tempo presente, em que se aponta para a situação enfrentada pela personagem. No entanto, esse presente, também, já é passado, porque a personagem está se lembrando do que ocorreu entre ela e Padre Enzo. Portanto, presente e passado se entrelaçam num vai e vem constante. E esse tempo estará ao sabor das mudanças de estado (interiores) da personagem. No momento em que ela traz as ações para o presente para falar sobre o seu sofrimento, ela já está recordando um tempo anterior. A obra, portanto, enquadra-se como romance de tempo psicológico, se é que podemos caracterizar o tempo numa obra literária. O passado, nesse trecho, estará marcado, linguisticamente, pelo emprego de verbos no pretérito imperfeito, ‘dançava’, ‘colocava’ e ‘contavam’, enquanto que o presente, em contraposição, é sugerido pelos adjuntos adverbiais ‘agora’, “Porém, / agora! Agora é esta cidade, é esta casa.”

Na segunda página do romance o leitor encontrará um trecho deslocado, solto: refere-se à voz de Padre Enzo marcando encontro com Irene: Vai, lá não tem ninguém, vai me espera, caladinha, te fecha por dentro, caladinha, que eu vou atrás. (CELINA, Lindanor. 1994, p.14)

Essa técnica, sem dúvida, possibilita a antecipação de uma cena: Vai à casa dos padres e me espera. Ali não há ninguém. Se me queres deveras, vai. (CELINA, Lindanor. 1994, p.135) Para ficarmos apenas com a nomenclatura proposta por Gerard Genette, esta antecipação de cenas recebe o nome de prolepse. Através desse recurso o narrador instiga o leitor a continuar sua saga em busca da ação perdida. Essa antecipação de cena influenciará, também no tempo da história, há uma quebra na linearidade temporal presente do ato de narrar, para a intercalação inesperada de uma ação futura. Pego de surpresa, o leitor sentir-se-á atônito, perdido, sem compreender as artimanhas do narrador para dar curso a essa odisseia.

Outro trecho do romance que merece ser destacado para facilitar a compreensão do tempo interior em *Eram seis assinalados* é:

Irene, Irene, como hoje lhe parece imensa e estranha a cidade à beira daquele rio tão seu amigo, nos tempos da sua pureza. Agora o rio só passava, corria, descuidado, fazendo ouvidos moucos. O rio era apenas uma testemunha. Um dia pensou nele se afogar? (CELINA, Lindanor. 1994, p.14)

Nesse fragmento, faz-se perceptível a angústia de Irene ao lembrar o passado, para, num jogo temporal especular, compará-lo ao presente. A imagem do rio que corre pode ser associada à passagem do tempo, pois assim como o rio, ele não retornará. As expressões “um dia” e “agora” funcionarão como marcadores desse tempo que não voltará e que só trouxera sofrimento a Irene.

O tempo na Obra *Eram seis assinalados* poderá ser dividido em três fases, a saber: a primeira seria a recordação da infância da personagem principal, a segunda o envolvimento de Irene e Padre Enzo e a terceira estaria no plano de reintegração de Irene à esfera social, com a possibilidade de ser aprovada em um concurso público.

Conclusão

Irene é a personagem central de *Menina que vem de Itaiara*, Estradas do tempo foi e *Eram seis assinalados*. Ao conhecer essas optei por investigar a estrutura da última narrativa da trilogia, *Eram seis assinalados*, por considerar a obra de amadurecimento da escritora. Dona de um lirismo particular, em que a informalidade da conversa cotidiana se insere no mais puro contexto formal do texto literário, nessa obra, Lindanor Celina consagra-se como uma grande contadora de histórias e – por que não? – numa grande romancista. Senhora dos mecanismos tradicionais, porém sem se ater a eles, a escritora evolui da narrativa de estrutura mais simples para introduzir na sua obra elementos que os grandes nomes da literatura imprimiram ao romance moderno.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética a teoria do romance*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARTES, Roland et alli. *Análise estrutural da narrativa*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica – arte e poesia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

CANDIDO. Antonio. Et alli *A personagem de ficção*. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*. 3 ed. Belém: Cejup, 1996.

CELINA, Lindanor.. *Estradas do Tempo-foi*. Rio de Janeiro: JCM Editores LTDA, s.d.

CELINA, Lindanor. *Eram seis assinalados: romance*. Belém: CEJUP, 1994.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

REIS, Carlos & LOPES, A. Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. 7ª. Ed. 2007

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 1995.

Rosa Helena Sousa de Oliveira (Profª. Ms.)
(Universidade Federal do Pará – UFPA)
Campus Universitário de Bragança
rhelena@ufpa.br